

## Rotinas pedagógicas no ensino pandêmico da educação infantil

Giovana Lagranha de Souza<sup>1</sup>

Lucena Soares<sup>2</sup>

Cristiane Lumertz Klein Domingues<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta indagações sobre o estabelecimento da rotina no ensino da Educação Infantil, durante a Pandemia da Covid-19. Através de uma pesquisa qualitativa e de um questionário destinado à algumas profissionais da área da educação, evidenciou-se quais as principais mudanças às quais foram submetidas a rotina de uma escola de Educação Infantil, dentre as quais destacou-se os ambientes de ensino, pedagógicos ou não-pedagógicos; flexibilidade da escola; parceria entre família e docentes; recursos tecnológicos e plataformas de ensino on-line, bem como manutenção do vínculo afetivo entre corpo docente e discente. Esta pesquisa tinha o objetivo de compreender como se deu a atuação do professor no novo espaço de aprendizagem e reconhecer como e quais recursos tecnológicos e metodologias de ensino podem ser empregados, no contexto da educação infantil pandêmico, para contribuir com o desenvolvimento dos alunos de 0 a 5 anos. Para tanto, o problema desta pesquisa perseguiu o seguinte questionamento: Qual o papel do professor no desenvolvimento do trabalho com a rotina de maneira remota? A partir dessas análises e diferentes óticas para a vivência relatada pelas profissionais, constatou-se quais estratégias e intervenções pedagógicas foram pertinentes para promover múltiplas formas de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento dos estudantes e que a rotina precisa ser considerada no andamento da aula, mesmo que de maneira remota, as famílias e a escola precisaram encontrar flexibilidade nela e aderiram à diversas formas de reorganização para que ela acontecesse.

**Palavras-chave:** Rotina; Covid-19; Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 provocou novos posicionamentos sobre as estruturas que configuram uma sala de aula. Se no princípio, o espaço de aprendizagem era restrito à instituição de ensino formal, nos dias que correm, evidencia-se que, tanto as relações interpessoais, quanto a mediação dos conhecimentos transcendem o espaço escolar.

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: giovanalagranha@gmail.com.

<sup>2</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: lucenacsoares@gmail.com.

<sup>3</sup> Centro Universitário Cesuca. Doutora em Teoria da Literatura. Docente do curso de Pedagogia. E-mail: cristianedomingues@cesuca.edu.br.

Em razão das metodologias de Ensino Remoto Síncrono Emergencial (ERSE), integrada por aulas síncronas, a educação sujeita-se a transformações contínuas e que caracterizam condições irreversíveis, as quais possibilitam uma reflexão necessária acerca do impacto dessas mudanças na esfera da Educação Infantil. Já que, tanto para as famílias dos estudantes, quanto para os profissionais da esfera educacional as mudanças ocorreram de uma maneira rápida e em um curto período, quis-se entender como a rotina dos estudantes foi afetada e quais estratégias ambas instituições aderiram para que a educação das crianças não sofresse prejuízo.

Expresso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Direitos de Aprendizagem e de Desenvolvimento são “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se” (BRASIL, 2018, p. 38); mas como garanti-los às crianças através de uma tela e qual o papel do professor no desenvolvimento do trabalho com a rotina, de maneira remota.

Tais questionamentos dão base ao presente artigo e puderam ser estudados através de trocas de experiências entre as pesquisadoras e uma escola de Educação Infantil localizada no Rio Grande do Sul, a qual enfrentou momentos de aulas presenciais e remotas. Buscou-se entender, então, as principais mudanças em uma sala de aula na Educação Infantil ocasionadas pela pandemia, a fim de compreender como o trabalho nos espaços de aprendizagem estavam priorizando a rotina.

Além disso, dialogou-se com uma profissional da área da gestão escolar e docência, as quais puderam contribuir com sua ótica à pesquisa, salientando quais as principais dificuldades, os maiores aprendizados, estratégias e recursos empregados no decorrer do processo de ensino e aprendizagem nestes tempos tão diferentes com a pandemia. Indagou-se, também, a respeito dos procedimentos utilizados para a manutenção do vínculo afetivo entre professor e aluno, bem como na adaptação de atividades e flexibilidade na adequação das aulas para contemplar todas as realidades das famílias.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 REFLETIR PARA MUDAR: A TAREFA IMPRESCINDÍVEL DAS ESCOLAS**

Publicado em 2001, o livro “Escola reflexiva e nova racionalidade”, da educadora Isabel Alarcão, em seus primeiros capítulos, apresenta os contextos em que estão inseridas as escolas nos diferentes meios sociais. Abordando diversos aspectos relacionados à estrutura, documentos e papel dos professores e alunos, a estudiosa traz um conceito sobre o que

determina ser a “escola reflexiva”: aquela que contribui à trajetória dos envolvidos a partir das mudanças necessárias para esses, de acordo com as demandas que surgem durante à prática pedagógica.

Contudo, embora considere importante o olhar atento aos processos próprios de cada instituição, Alarcão (2001) não desconsidera que o dever das escolas como formadoras imprescindíveis na formação integral dos sujeitos deva ser totalmente subordinada às exigências manifestadas, mas ser flexível de modo a priorizar e contemplar em seus projetos pedagógicos as singularidades do público a que atende, considerando as metodologias de ensino e aprendizagem e o seu objetivo social. Para tanto, a estudiosa destaca que “não é possível desvincular currículo e pedagogia de políticas e administração” (ALARCÃO, 2001), e que a transformação se dá na “organização disciplinar, pedagógica, organizacional” e “nos valores e relações humanas que nela se vivem” e completa:

Se aceitarmos o fato de que as pessoas são fundamentais na organização da escola, elas têm de protagonizar a ação que nela ocorre. Na escola todos são atores. Os alunos, os professores, os funcionários, os pais ou os membros da comunidade envolvidos nas atividades da escola, todos têm um papel a ser desempenhado (ALARCÃO, 2001, p. 23).

Ou seja, a renovação escolar se dá de dentro para fora, a partir dos papéis exercidos pelos corpos discentes e docentes. Isso reflete a ótica da escola como um ambiente de trabalho tanto para os alunos, quanto professores, no qual a aprendizagem decorre ora do esforço dos estudantes, ora como consequência de uma metodologia de qualidade estreitamente relacionada às condições disponíveis aos trabalhadores da educação.

## 2.2 ROTINAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO PANDÊMICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A AFETIVIDADE

As práticas pedagógicas, organização dos espaços escolares, tal como o manejo de turmas, são distintas entre os educadores e instituições escolares. Embora utilize-se da BNCC, no Brasil, ainda há disparidades entre as escolas de Educação Infantil públicas e privadas, principalmente no contexto decorrente da Pandemia da Covid-19, em que as aulas seguem o modelo de ERSE, mas que, ainda assim, devem cumprir e garantir aos estudantes os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, baseados nos Campos de Experiência.

Cláudio Saltini é um psicanalista conhecido para além do território nacional. Com vasta formação e conhecimento de mundo, Saltini, no primeiro capítulo do seu livro “Afetividade e Inteligência”, de 2008, aborda os contrapontos estabelecidos entre os conceitos de cognição e afetividade, relatando, inicialmente, como a educação favorece o desenvolvimento dos

indivíduos, já que, segundo o autor, anterior ao processo educativo, “o homem permaneceria em estado totalmente primitivo”.

A partir dessa ótica, Saltini (2008) faz relações acerca da educação como fonte de civilização e cultura ao longo de todo desenvolvimento da humanidade e retrata a importância dos estímulos acontecerem, desde cedo, aos indivíduos. O autor traz o verbo “gestar” para exemplificar momentos significativos no desenrolar dos primeiros anos das crianças, sob os conceitos de que, inicialmente, haveria a gestação no útero da mãe e, depois, de zero a seis anos, durante o período sensório-motor de Piaget. (SALTINI, 2008, p. 12). Para que a segunda gestação ocorra, o psicanalista traz as funções “reguladoras, implicativas e explicativas”, que durante os primeiros anos de vida, são necessárias para constituir as relações “lógicos-afetivas” entre sujeito e meio. (SALTINI, 2008, p. 12)

Nesse panorama, “o mundo do pensar” contemplaria as ideias e a capacidade de criar, inventar e refletir sobre os conceitos existentes, mas que também poderiam ser criados pelos alunos, assim como as inúmeras criações importantes ao longo dos séculos. Saltini (2008) é um defensor da subjetividade, do pensamento crítico e de uma revolução na educação que valorize e priorize-os, de modo a criar condições de aprendizagens inovadoras para os estudantes que, a partir dessas motivações, serão seres transformadores do ambiente em que vivem.

### **3 METODOLOGIA**

Segundo a BNCC, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, ou seja, são nas escolas de Educação Infantil, públicas ou privadas, que as crianças têm o primeiro contato com seus pares, rotina, professores e com o ambiente escolar. Essa rotina pode ser classificada como “típica” do universo escolar, anterior à pandemia da Covid-19, que teve início em 2020. A partir desse fato, as escolas também foram submetidas a adaptações que precisaram contemplar desde protocolos de segurança, ao uso de recursos tecnológicos nas aulas “on-line”, durante o Ensino Remoto.

Nessa ótica, buscou-se evidenciar, na presente pesquisa, como ocorreu as aulas remotas em uma escola de educação infantil particular, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, após quase um ano em que os alunos e professores estiveram na modalidade de aulas remotas. Por isso, foi realizado um questionário, no qual a diretora e uma professora da Escola, puderam compartilhar vivências e orientar as pesquisadoras acerca das novas rotinas.

A pesquisa, que corresponde a uma investigação de campo de cunho qualitativo, caracteriza-se pelo tema “Rotinas Pedagógicas no Ensino Pandêmico da Educação Infantil”, objeto de estudo escolhido pelas pesquisadoras. Tendo como ponto de partida a temática definida, a exploração transcorreu, primeiramente, a partir da ótica sobre as práticas que se julgava que a escola contemplaria em sua nova rotina, como: aquisição e uso de recursos tecnológicos para professores, plataformas de aulas síncronas, preservação do vínculo afetivo com as crianças mesmo com os critérios distanciamento social, uso de máscara e relação entre família e escola.

Os critérios, então, foram concebidos pelo o que Gil (2008) classifica como método dedutivo de pesquisa, que, segundo o mesmo autor “é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular” (GIL, 2008, p. 9), ou seja, das concepções gerais das pesquisadoras para a realidade exposta tanto pela diretora quanto pela professora da instituição, evidenciada pelas respostas às perguntas norteadoras formuladas pelas pesquisadoras e descritas a seguir: Questionamentos à direção e a professora da escola: Informações gerais: O professor da Educação Infantil atua segundo a compreensão da criança ativa e criadora de conhecimentos?; Como o grupo discente atua para proporcionar protagonismo e mediar o conhecimento aos seus alunos?; Você considera necessário que o professor seja pesquisador?; Qual ferramenta a instituição utiliza para manter o vínculo entre aluno, professor e escola no cenário atual de pandemia?; Você considera importante a rotina na Educação Infantil?; A rotina faz parte da aula ou é vista como uma atividade isolada?; De que forma podemos encaixar a rotina no ensino remoto?; Como a escola avalia o processo de aprendizagem dos alunos diante a pandemia?; Se fosse possível voltar no tempo: Qual a principal sugestão você daria para a sua escola enfrentar o ensino remoto hoje?

Mesmo assim, foi aberta a possibilidade para outros questionamentos ao longo do encontro com as profissionais responsáveis, já que, foi priorizado a promoção de uma consulta de dados e vivências flexível, por meio da ferramenta *Google* Formulários, embora utilize-se das perguntas norteadoras, as profissionais questionadas puderam responder de acordo com “conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado” (GIL, 2008, p. 121).

Ao optar por um questionário com muitas questões e, cientes das suas características, as pesquisadoras optaram por tabular os dados através da “Análise de conteúdos”, que para Bardin (1997) “a análise de conteúdo [...] é um método muito empírico, dependente do tipo de «fala» a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo (sic)”. Para

tanto, a seção seguinte apresentará as respostas obtidas em ambos questionários e evidenciará o que de mais significativo foi encontrado.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS**

Os dados aqui apresentados são recortes de duas entrevistas realizadas com dois profissionais da rede privada de Educação Infantil. Utilizaremos das respostas dos entrevistados feitas através do questionário disponibilizado via e-mail, e também na base de dados, visando que uma das pesquisadoras faz parte do grupo docente da instituição em questão. Sabendo que, as duas entrevistas possuem o mesmo objetivo em contextos distintos, nos quais uma assume o papel de diretora e, a outra, de professora da escola, ambas buscam solucionar o mesmo problema: Qual o papel do professor no desenvolvimento do trabalho com a rotina de maneira remota?

Portanto, buscamos analisar desde aspectos específicos da escola como outros de características globais, que envolveram demandas externas à instituição, como formação dos professores, relação entre escola e famílias e, também, a intervenção pedagógica em ambientes que não foram preparados para isso. Por conseguinte, anterior à análise das práticas pedagógicas da escola, investigou-se acerca da formação dos profissionais que nela atuam, pois assim, observa-se a vertente pedagógica a qual a escola se identifica e quais as referências autorais utilizadas pelos docentes no que diz respeito a manejo, elaboração de planejamento e adaptação para o ERSE. Assim sendo, a diretora entrevistada relatou que todas as professoras possuem magistério e/ou pedagogia completos. Vê-se, dessa forma, que existe uma preocupação com a qualificação profissional que propiciará aos educandos estímulos próprios por estudiosos da área da Educação Infantil, fator imprescindível para garantir aos alunos um ensino de qualidade que valorize a infância e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento expostos na BNCC, que são Conviver, Brincar, Participar, Explorar Expressar e Conhecer-se (BRASIL, 2018, p. 38).

Neste panorama, foi salientado, também, que cada turma possui uma média de 5 a 7 alunos por turma, os quais são contemplados, segundo a diretora e professora, respectivamente por planejamentos com foco nos interesses da criança e proporcionando, além do ambiente, possibilidades para que ela possa participar, criar e explorar, sendo protagonista no processo de aprendizagem. Acrescenta-se a isso resposta à terceira pergunta do formulário enviado às profissionais, que fazia relação ao protagonismo dos alunos e a mediação dos conhecimentos durante as aulas presenciais, pois existe, ainda, a ideia de que ambos os conceitos são opostos;

concepção a que discorda a escola, já que, a diretora afirma com convicção que o grupo de professores planeja as suas aulas priorizando a pesquisa e exploração para que, dessa forma, ocorra a construção do conhecimento, o qual o educador atua como “mediador” e não como um “transmissor”. Além disso, é durante a rotina escolar que os alunos podem expressar quais temas querem estudar. Perguntamos, então, como isso ocorreu perante ao ERSE e constatamos que houve uma adaptação constante que se desenrolou no planejamento, que precisou observar aspectos como rotina familiar durante o isolamento social e aspectos que influenciariam no cancelamento das matrículas, como fatores socioeconômicos ou falta de frequência nas aulas. Compreende-se que o desafio, para a instituição, foi amplo, mas, ainda assim, durante a prática pedagógica, *todas as atividades desenvolvidas são pensadas para que as crianças consigam atingir os objetivos propostos pela BNCC*, relatam as profissionais.

Buscou-se, dessa forma, saber de que maneira o desafio foi enfrentado, já que, somado ao que descreve a BNCC, houve grande necessidade de adentrar aos ambientes virtuais, com recursos tecnológicos. Questionamos, assim, se ambas profissionais observavam importância na prática profissional dos educadores como pesquisadores, o que foi enfatizado com grande importância, já que para as educadoras, *é fundamental que o professor seja um pesquisador e esteja em constante aprendizado e a educação está sempre em constante evolução [...] o professor precisa investigar, levantar hipóteses, para que o ocorra com os alunos também*.

Mesmo que exista a tendência a focar na inovação e recursos tecnológicos, sabe-se da importância, principalmente nos primeiros anos de vida, do vínculo afetivo na relação entre professor-aluno. Questionamos, então, acerca da ferramenta utilizada pela instituição para manter o vínculo entre aluno, professor e escola no cenário pandêmico e constatou-se que, quanto aos instrumentos tecnológicos, a escola aderiu somente às redes sociais e às videoaulas, as quais foram importantes no reforço do sentimento de pertencimento à turma e à instituição, pelos alunos. A professora relatou que todas as aulas foram planejadas com *afeto, carinho e conversa*, a fim de tornar esta fase mais tranquila para os pequenos estudantes.

Em adição, tornar ambientes não pedagógicos em pedagógicos, tornou-se a saída para a instituição. Acredita-se que para um melhor resultado na educação dos sujeitos, os alunos precisam do espaço escolar, entretanto, no período pandêmico, o simples ato de ir à escola tornou-se inviável, ocasionando, assim, em uma mudança radical nessa rotina. Confirmam as entrevistadas sobre as atividades domiciliares: *Não acredito que seja possível (transformar ambientes não-pedagógicos em pedagógicos)*, destaca a diretora. Para ela, foi um momento necessário, mas que não substitui o papel da escola. Segundo a diretora, *a criança precisa de*

*um ambiente estimulador, planejado para o seu desenvolvimento, de um profissional capacitado junto e da convivência com crianças da mesma faixa etária, afirmação confirmada pela professora, que relatou que a maior dificuldade é o empenho das famílias que, muitas vezes, não dão a devida importância à infância e às necessidades da criança.*

Diante disso, buscamos informações mais precisas acerca da rotina, tema principal desta pesquisa e, evidenciou-se que, mesmo de modo flexível, buscando por uma prática que atendesse às necessidades das crianças e famílias, durante o ensino remoto, a rotina não foi dispensada, ou posta em segundo plano. De acordo com os relatos, o grupo docente buscou por atividades e orientações ao passo que desenvolveram um trabalho coletivo entre família e escola para que a rotina pudesse ser mantida, mesmo que longe da instituição. *No ensino remoto a rotina está igualmente presente. A aula tem horário para começar, fazemos chamada e seguimos uma certa ordem. Através da conversa no início, e junto da família buscamos otimizar os horários priorizando sempre a criança,* confirmam a diretora e professora da instituição.

Ademais, os meios de avaliação do processo de aprendizagem dos educandos também foram postos em questão. A instituição, neste período pandêmico optou por uma avaliação que visa a participação nas aulas e o desenvolvimento pessoal de cada aluno, pois, segundo as educadoras, avaliar com precisão o desenvolvimento integral de cada educando se tornou inviável. Considerando os métodos de avaliação selecionados pela instituição, a professora destaca que de maneira remota a avaliação é um tanto quanto rasa, pois as análises necessárias nesse processo possuem interferência de fatores externos ao controle da docente, como tempo das aulas, dificuldades para manter o vínculo afetivo, frequência na realização das atividades, fator intensificado pelo a professora classificou dizendo que *a maioria dos pais não apresentam a "paciência" necessária neste processo de aprendizagem.* Sabendo que, a avaliação é feita de maneira contínua e construtivista, a forma que a escola trabalha os campos de experiência também precisa ser levada em consideração, neste caso, a instituição escolheu por introduzi-los no dia a dia dos planejamentos das aulas realizados pelo grupo docente, conforme relata a professora *Os campos de experiência são trabalhados em conjunto ao longo das aulas.*

Neste ínterim, as pesquisadoras constataram como se dá o decorrer da rotina nas diferentes modalidades, assim como as práticas e registros solicitados pela professora e concluíram que a instituição em questão orienta seus profissionais a organizarem apontamentos semanalmente, já que a produção diária dos educandos é considerada instrumento de análise na verificação do processo de aprendizagem e etapas do seu desenvolvimento. Por meio dessas atividades de sistematização, o grupo docente desenvolve a avaliação semestral dos educandos.

Outro fator importante no processo de ensino e aprendizagem pandêmico refere-se à frequência da participação nas videochamadas, pois essa assiduidade nas aulas auxilia na realização das atividades e na troca entre professora e aluno, que acontecem conforme um cronograma de aulas *on-line*, que, segundo a diretora, *a pré-escola* (possui horários) *todos os dias e o maternal e berçários, duas vezes por semana*.

Perguntamos então, como já descrito na seção metodologia, acerca de um olhar total da prática pedagógica que se sucedeu durante quase um ano de instabilidade entre trabalho remoto, presencial e/ou síncrono com os alunos da escola, questionando sobre: Qual a principal sugestão você daria para a sua escola enfrentar o ensino remoto hoje? o que foi respondido pela diretora e professora, respectivamente, que, *Antes de qualquer coisa, deveríamos criar uma estratégia conjunta para estimular as famílias a participarem e perceberem a importância de manterem esse vínculo com a escola; os professores precisam dominar a tecnologia para que não sofram mais para dar suas aulas de maneira remota*. Desta forma, percebe-se então, que a instituição participante da presente pesquisa priorizou aspectos determinantes para que ocorresse, de fato, a participação dos alunos nas aulas, e se desenvolvesse a aprendizagem. Somado ao uso da tecnologia, o interesse e flexibilidade dos profissionais, certamente, tiveram uma influência positiva na jornada escolar de cada criança.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, como um objetivo geral, a compreender como se deu a atuação do professor no novo espaço de aprendizagem e reconhecer como e quais recursos tecnológicos e metodologias de ensino podem ser empregados, no contexto da educação infantil pandêmico, para contribuir com o desenvolvimento dos alunos de 0 a 5 anos. Norteadas pelo problema de pesquisa “Qual o papel do professor no desenvolvimento do trabalho com a rotina de maneira remota?”, através dele, foi possível identificar as principais mudanças, em uma sala de aula na Educação Infantil, ocasionadas pela pandemia da Covid-19, principalmente com relação a rotina.

Pensando nisso, o primeiro passo foi dialogar com a escola e compreender o trabalho desenvolvido nesse período pandêmico, através de investigações acerca de quais abordagens a escola optou e como os alunos reagiram às mesmas. Diante disso, percebeu-se que a escola, juntamente com seu grupo docente, optou por uma prática voltada à afetividade e flexibilidade, proporcionando assim, a união e concretização da relação entre aluno e professor, associada à parceria das famílias pela causa educativa, aspectos fundamentais na construção da

autoconfiança dos educandos, assim como o desenvolvimento de múltiplas habilidades que focam no protagonismo discente. Foi evidenciado que esse desafio foi um árduo trabalho, que, no entanto, foi necessário e possibilitou que a instituição criasse múltiplas maneiras de abordar o que consta nos Campos de Experiência da BNCC e mediar o ensino e aprendizagem junto às famílias e estudantes. Nesse período, em diversos momentos, a escola assumiu e reforçou, ainda mais, o papel da instituição como sendo fundamental na vida das crianças, somada à família e, a partir daí, tornou-se uma extensão dos lares, já que o ensino se deu, tanto em salas de aulas formais, quanto em lares adaptados à uma nova rotina que surgiu rapidamente.

Rotina essa que não pode ser descartada ou posta em segundo plano, pois, mesmo que de maneira remota, as famílias e a escola precisaram encontrar flexibilidade nela e aderiram à diversas formas de reorganização. Dentre elas, pode-se citar: a suspensão das aulas presenciais; condição a que foram submetidas as crianças por uma questão de saúde pública, porém, que, sendo positiva por uma ótica, por outra, nem tanto, já que os estudantes não tiveram oportunidades de interação com outras crianças, com ambientes pedagógicos e, conviveram, em sua maioria, com adultos alheios à esfera da educação. Embora ambas as profissionais fossem de esfera diferentes, durante o questionário elaborado pelas pesquisadoras, foi possível visualizar que, cada uma, tanto na perspectiva da gestão quanto pedagógica, buscaram por propósitos similares, que priorizaram os estudantes e famílias, suas rotinas e peculiaridades.

Ou seja, indica-se, para futuros trabalhos, a execução de uma observação, pois possibilitaria mais oportunidades de informações para a coleta dos dados, sabe-se que, durante a interação acontecem trocas de experiências, que, provavelmente, acarretariam na elaboração de novas perguntas, que contribuiriam ainda mais para a autenticidade da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre. Artmed, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa, 1997

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Atlas, 2008.

SALTINI, Cláudio João Paulo. *Afetividade e inteligência: Cognição e afetividade: o desejo de saber*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.